

CARTOGRAFANDO A OCUPAÇÃO VIRTUAL DA PRAÇA DO *KREMLIN* POR DIREITOS LGBTQ

Felipe Alves Oliveira¹
Analméria da Silva Cabral de Mendonça²

RESUMO

Por meio da cartografia de rede e amparado pela lente teórica Queer, rastreamos o modo como o protesto na rede social *Instagram*, expresso pela hashtag *#kiss4lgbtqrighs*, configurou-se como reação global as prisões de gays chechenos em abril de 2017 se caracterizando como uma ocupação virtual da praça do *Kremlin*. Por resultado, visamos demonstrar como as novas formas de ativismo virtual desafiam lógicas institucionais reguladoras de corpos e de desejos.

Palavras-chave: LGBTQ; *Kremlin*; cartografia; teoria *Queer*; *Instagram*

INTRODUÇÃO

De modo sucinto, as próximas linhas vislumbram combinar os conceitos da representação e da performatividade, oriundos da teoria Queer com a metodologia da cartografia da controvérsia, na análise do maior ‘beijajo’ virtual do mundo (conforme caracterizam seus organizadores).

¹ Mestrando em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Pernambuco – PPGDH/UFPE Graduado em Relações Internacionais e Integração pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana - ILAESP/Unila.

² Mestranda em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Pernambuco – PPGDH/UFPE Graduada em Direito pela Faculdade Metropolitana do Grande Recife Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Católica de Pernambuco.

Com isso, visamos desdobrar a controvérsia entre: proibição de protestos por direitos LGBTQ na Rússia; com a ocupação virtual da praça do Kremlin pela iniciativa expressa pela *hashtag kiss4lgbtqrighs* que ao longo de maio de 2017 teve alcance global.

Em um primeiro momento, serão expostos os pressupostos históricos do trabalho, em um segundo, apresentamos os aportes teóricos; metodológicos; desdobramos a controvérsia; ao fim, as considerações finais do artigo. A elaboração aqui exposta visa demonstrar a potencialidade dos protestos marcados por ocupações virtuais, que subvertem um espaço representativo de imaginários heteronormativos e nacionalistas, por meio de desterritorializações físicas combinadas a ocupações simbólicas, quando articuladas pela internet, como no caso russo.

Tentaremos demonstrar que a iniciativa “beije por direitos dos LGBTQ”, #kisslgbt4rights, forma um modo de reação à violência homofóbica e invisibilização de sexualidades não-hegemônicas na Rússia contemporânea. Apresentar a questão por meio de assertivas, e não em modo hipotético, tenciona demonstrar que: assim como o marco teórico elencado, a composição deste artigo também é uma forma de ativismo e de visibilização de movimentos sociais cujos objetivos se relacionam diretamente com as perspectivas de exercício de cidadania dos quais seu autor se filia e se sente representado.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A praça cívica do Kremlin é parte de um conjunto arquitetônico cujas origens remontam ao ano de 1156, quando a primeira fortificação na região fora construída como sede do poder militar de Moscovo.

Atualmente, é a sede do poder político russo, seu papel como centro militar e político do país remonta desde os primeiros aos últimos czares, passam por todo o período dos regimes soviéticos, e chega até hoje com a ‘democratização’.

O centro cívico expandido é composto pelos nove palácios do complexo do Kremlin, a Praça Vermelha, e a Igreja de São Basílio (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2017). Nos dizeres do artista russo Vladimir Sorokin (1994), o Kremlin “é um símbolo, a representação da quintessência do Estado” (1994, p. 275); para o autor

O Kremlin é representado por um triângulo, geralmente negro, ou em tons escuros. Os que conhecem a iconografia ortodoxa se lembrarão que há sempre um triângulo negro sob a imagem do deus Sabaoth. É o sinal de Deus, o símbolo da Trindade, a marca de Sua onipotência. Hoje, se considerarmos que o poder do Estado na Rússia já substituiu Deus há algum tempo, e que seu

centro incontestável é o Kremlin, esta convergência gráfica já não parece coincidência. O inconsciente coletivo que guia a mão dos cartógrafos é, como se sabe infalível. É assim que cada vez que entro no Kremlin, penetro no triângulo negro do poder, na mansão divina, no coração da Rússia.

Todas as imagens que evocam o poder da nação, ou seu desejo em ser nação, são cercadas por certo grau de misticismo e reverência. As formas pelas quais o poder russo é representado costumam ser protegidas, desde a figura de seu presidente, conforme noticiaram grandes veículos de comunicação ocidental, a circulação da foto do presidente Vladimir Putin maquiado é proibida (MARTINEZ, 2017); até o tipo de conduta permitida no espaço do Kremlin.

Com respeito as relações com as minorias sexuais, o governo russo promulgara em 2013 a “lei anti-propaganda gay”, proibindo e estabelecendo multas aos coletivos que procurassem promover uma agenda positiva sobre as minorias sexuais no país (FERNÁNDEZ, 2013).

Ademais, a justiça russa proibira por cem anos a celebração de paradas do orgulho LGBTQ em Moscou (BONET, 2013), seguindo outras cinco proibições semelhantes em outras cinco províncias russas, como veremos a seguir, esta proibição se relaciona diretamente com a situação de perseguição de gays no Cáucaso checheno e na campanha promovida pela hashtag #kiss4lgbtqrighs.

Em “O desejo da Nação”, Richard Miskolci (2012) convida a uma caracterização da nação para além de algo biológico, propõe que a compreendermos como

uma poderosa interpretação cultural de uma ordem social e política, então podemos começar a perceber sua dependência de uma ordenação da vida privada e, no limite, da própria direção que o desejo sexual tomava nas relações interpessoais. O desejo, assim, não é um complemento ou um acessório de uma questão política maior, mas antes seu fundamento e sustentação, o alicerce invisível sobre o qual se construíam as partes visíveis da nação. Desse modo, o controle e o disciplinamento - ou melhor, agenciamento - do desejo para as relações benéficas aos ideais de nacionalidade hegemônicos (2012, p. 47).

Na reflexão de Paulo Oliveira (2003), tanto o socialismo soviético como todos os regimes políticos do início do século XX eram dotados do mesmo culto a masculinidade, em suas palavras

Para os revolucionários vitoriosos, os ideais de masculinidade não irão diferir, por exemplo, daqueles cultivados pelo nazismo e pelo fascismo: guerreiro heroico, disposto a morrer pelos ideais revolucionários e ao mesmo tempo disciplinado e obediente aos seus superiores. Do mesmo modo, a instituição familiar foi definida e, ainda que inicialmente tenha sido aprovada uma lei permitindo o divórcio, a permissividade sexual era malvista e denunciada de modo a fazer eco junto ao comportamento respeitável, com ênfase no labor e na ordem (2003, p. 39).

Pode parecer, em um primeiro momento, que há uma ambiguidade entre o ideal de masculinidade burguesa cometida, racional e responsável com a ideia de um guerreiro destemido, heroico e rude. Para Oliveira (2003),

Na perspectiva de constituição e manutenção da nação, era necessária a pacificação do território e isso deveria refletir na valorização do controle das emoções com o conseqüente comedimento na expressão das paixões, de tal forma que assim pudessem ser afiançadas relações sociais equilibradas e estáveis. Já no que tange às relações entre os países, adequava-se uma educação heroica, a inculcação dos valores guerreiros, caso fosse necessário entrar em combate com outros (2003, p.47).

Podemos perceber que a ênfase no nacionalismo russo, promovido pela agenda do governo do presidente Vladimir Putin, é marcadamente influenciada por elementos que ligam militarismo ao nacionalismo, conforme a experiência do início do século XX nos estados nacionais europeus, ou mesmo no estado soviético nascente.

Serão as representações de sexualidades não hegemônicas, combinadas a performatividade na reivindicação de direitos, por meio da intermediação virtual, uma estratégia para superar a narrativa supracitada?

A ocupação virtual de um símbolo militar e político de um país secularmente marcado pela influência de um regime sexista e homofóbico constitui forma eficaz de tencionar tal relação? Ou mesmo desestabilizar a definição estanque de que “não há violência contra gays por que não há gays aqui”?

Em linhas gerais, combinar representação e performatividade, elementos conceituais da teoria Queer, com a cartografia da controvérsia expressa pela ocupação virtual da praça do Kremlin. Especificamente, desdobrar a controvérsia entre a proibição de protestos por direitos LGBTQ na Rússia com a ocupação virtual da praça do Kremlin promovida pela iniciativa expressa no veículo [kiss4lgbtqrightrights](#) que ao longo de abril e maio de 2017 teve alcance global.

TEORIA *QUEER*

O presente trabalho se insere no campo da produção teórica sobre a sexualidade, nos dizeres de Foucault, em *A história da sexualidade*, esta pode ser entendida como

o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (2005, p. 100).

Configurando-se enquanto dispositivo histórico (2005, p. 100) a sexualidade está permeada por discursos, instituições e práticas sociais, em uma “rede que se estabelece entre elementos tão diversos como a literatura, enunciados científicos, instituições e proposições morais” (MISKOLCI, 2009, p. 156), decorrendo, desta identificação a proeminência destes estudos “à análise discursiva de obras filmicas, artísticas e midiáticas em geral”.

Conforme caracterização supracitada de Richard Miskolci (2012), o campo de estudos Queer advém dos Estudos Culturais e lança dois grandes desafios as ciências sociais, no primeiro “perceber que nenhuma faceta da vida social pode ser compreendida sem um exame de como os significados sexuais se interseccionam com ela” (2012, p.56), e o segundo de que “o queer impõe às ciências sociais a necessidade de rever seus pressupostos, de forma a focar no hegemônico como objeto de estudo e análise crítica” (2012, p.57).

Segundo Joshua Gamson (2006) é próprio aos estudos baseados na lente teórica Queer certa historicidade, em que os trabalhos sob seu marco interpretativo se “entrelaçam” com os movimentos sociais. Sua maioridade, enquanto campo de estudo, advém da “conquista da voz de novos sujeitos sexuais, tanto nos terrenos da política quanto no meio acadêmico. Diz respeito a pessoas inviabilizadas que ganharam visibilidade” (2006, p. 346).

Gamson utiliza o termo como uma forma de pinar a instabilidade das identidades, em sua leitura

O Queer marca uma identidade que, definida como tal por um desvio das normas relativas ao sexo e ao gênero pelo eu interior ou por comportamentos específicos está sempre mudando: a teoria queer e os estudos queer propõem um enfoque não tanto sobre populações específicas, mas sobre os processos de categorização sexual e sua desconstrução. Ou seja, cada termo acompanha seu próprio conjunto de políticas (2006, p. 347).

O objeto teórico destes estudos estará assentado, no que Gamson, a partir da leitura de Sedgwick, chamou de “formas como a própria distinção homo/hetero serviu de base para todos os aspectos da vida contemporânea” (2006, p. 353).

A problematização queer a questão da representação atravessa aquilo que Seidman (GAMSON, 2006) declarara, teoria queer não é um estudo sobre as minorias sexuais, é “um estudo daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo sexualizando corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais (2006, p. 353).

Sendo o gênero uma “realidade literária” (WARNER, 1993), lido em Gamson (2006, p. 354), aonde o sujeito é criado pelo processo discursivo em que as identidades são ambigualmente atribuídas ou escolhidas como produto de uma atuação performática (BUTLER, 2003, p. 32) cujo interesse em declarar-se com uma identificação sexual é fruto de uma vontade de afirmação política (SEDGWICK, 1990), contra uma identidade universalizante e/ou hegemônica.

A estratégia sugerida por Gamson (2006) para a desconstrução de identidades unificadas, seguindo a estratégia pós-estruturalista das identidades estará na leitura de que a “condição queer” significa “tanto um tópico quanto um recurso para investigar a lógica da ação coletiva” (2006, p. 357). Complementando tal assertiva, situo a reflexão de Jeffrey Weeks (1996) citada por Louro (2006) ao apontar que “As identidades, entretanto, podem ser escolhidas, e no mundo moderno, com sua preocupação com a sexualidade verdadeira é muitas vezes altamente política” (LOURO, 2006, p. 32).

Levando em consideração que as identidades cotidianas representam uma lógica investigativa que considerará “como, quando e por que a identidade coletiva é desconstruída, bem como solidificada” (GAMSON, 2006, p. 357) ao mesmo tempo em que identifica “como a identidade coletiva é influenciada por exigências organizacionais específicas e por ambientes de comunicação”. Assim a experiência do desejo sexual adquire uma tripla forma de caracterização enquanto objeto de pesquisa, tanto institucional, quanto textual e experimental.

Quando refletimos sobre a proibição secular russa de protestos e ‘propagandas’ voltadas ao público e identidades LGBTQ encontramos eco no pensamento de vários autores do feminismo e da teoria Queer, saliento que na leitura de Jeffrey Weeks (1996)

para que surjam identidades distintas, colocando-se contra as normas heterossexuais de nossa cultura, algo mais do que atividade sexual ou mesmo desejo homossexual é necessário: a possibilidade de algum tipo de espaço social e apoio social ou rede que dê sentido às necessidades individuais (1996, p. 28).

Em regimes nacionalistas, sejam ele de esquerda ou direita, a lição de Weeks segue importante ao apontar que a “homossexualidade é vista, frequentemente como uma ameaça para aqueles ligados ao status quo moral, estejam eles situados à esquerda ou à direita do espectro político” (1996, p. 30). Pois admitir a possibilidade de sua existência “simboliza a pluralização cada vez mais crescente da vida social e a expansão da escolha individual que essa oferece” (1996, p. 30).

Ao fim, chegamos ao conceito de performatividade trabalhado por Judith Butler (2003) em Problemas de Gênero, sobretudo no capítulo três. A autora salienta que o conceito possui três diferentes formas de expressão, sendo elas a da relação corpo e gênero; a linguagem; e, a reivindicação de direitos.

Na primeira temos a recusa em perceber o gênero de modo natural e a-histórico, tal qual lição proposta por Foucault (2005), Butler (2003) situa o gênero como “repetição estilizada de atos” (2003, p. 17), desvinculado do sexo biológico, também lido como algo contingenciado ao que ela chama de performatividade da corporalidade, para a autora

Consideremos gênero, por exemplo, como um estilo corporal, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde “performativo” sugere uma construção dramática e contingente do sentido (2003, p. 199).

Sexo e gênero são ambos, nesta perspectiva, uma forma de performance cujas consequências serão punitivas. Butler (2003) conclui este raciocínio afirmando que “gêneros distintos são parte do que ‘humaniza’ os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero” (2003, p. 200).

Enquanto performatividade para linguagem, Butler destaca “o fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas” significando que “as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas” (2003, p. 201).

Sua criação decorre de uma “estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória” (2003, p. 202).

A performatividade enquanto reivindicação de direitos, demanda, na perspectiva de Butler, perceber que o chamado “raciocínio fundacionista da política da identidade” tenderá a prescrever que “primeiro é preciso haver uma identidade, para que os interesses políticos possam ser elaborados e, subsequentemente, empreendida a ação política” (2003, p. 205).

A autora argumenta que “não há necessidade de existir um ‘agente por trás do ato’, mas que o ‘agente’ é diversamente construído no, e, através do ato” (BUTLER, 2003). Não será uma retomada da “teoria existencialista do eu constituído por seus atos” (2003). O interesse da autora está na construção discursiva variável de cada performática, atravessada pela relação de uns com os outros.

A tarefa consiste em identificar as estratégias de “repetição subversiva facultadas por essas construções, afirmar as possibilidades locais de intervenção pela participação precisamente nas práticas de repetição que constituem a identidade e, portanto, apresentar a possibilidade imanente de contestá-las” (2003, p. 212).

Em “Reagregando o social”, Bruno Latour caracteriza a teoria do ator-rede (ANT), através de suas cinco fontes de incerteza e de dois movimentos estabelece o modo como as controvérsias podem ser rastreadas e um relato a partir da ANT poderá ser traçado, dentre tantas contribuições ao objeto examinado neste artigo, destaco as definições fluídas e articuladas de ator e de figuração.

Por ator, Latour assiná-la como aquilo que é levado pelos outros a agir, para ele “Empregar a palavra ‘ator’ significa que jamais fica claro quem ou o que está atuando quando pessoas atuam, pois, o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar” (2012, p. 75), “não temos nele a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção”.

Assim, a pergunta a ser respondida em um primeiro recorte de cunho metodológico será: que ações acrescentam aos actantes a figuração necessária para que sejam incluídos como parte de um grupo? A resposta provisória e que define o *corpus* desta investigação está na percepção de que se trata de uma reação à violência institucional homofóbica russa.

Sendo verbo, as “ações aparecem sempre num relato como responsáveis por um feito, ou seja, como algo que afeta um estado de coisas” (2012, p. 84) Será necessário dotar tal ação (expressa em nosso trabalho pelo verbo beijar); com sua existência: expressa no ato de postar a foto sob as orientações do protesto, ou seja, através da performatividade corporal.

A figuração correspondente se dará pela performatividade de reivindicação de direitos, expostas no final da seção anterior, contida no veículo, na hashtag que agrega todas as expressões desta formação fluída de grupo. O #kiss4lgtqrighs é criado como elemento agregador temporário que joga um papel primordial na representação e rotulação dos actantes agregados por ele, se situa enquanto figuração da ação, ao mesmo tempo que como vínculo entre os actantes.

Ainda para a perspectiva de Latour (2012) as interações necessitam de uma demarcação temporal explícita, neste caso vamos dos principais acontecimentos ligados a criação do veículo, até seus desdobramentos mais relevantes enquanto protesto voltado a realidade russa.

Buscamos, assim, realçar a vinculação entre fenômenos, acontecimentos e o tempo nos quais ocorrem. Trabalhando com a extensão paradoxal do grupo, que expressa pela perda de calor em relação à distância temporal entre os actantes e o fenômeno que origina tal agrupamento.

METODOLOGIA

A metodologia da cartografia das controvérsias depende de marcos temporais fixos cuja efetividade será medida por meio de volume de engajamentos. No presente estudo teremos como marcos temporais os dias em que a hashtag do protesto foi lançada até o dia internacional de combate a LGBTQfobia, descritos na próxima seção. Ao longo destas datas temos um volume de mais de sete mil e oitocentas postagens, distribuídas em torno da geração de engajamentos motivadas por perfis de maior visibilidade na rede social Instagram.

Assim, a cartografia de controvérsias em redes sociais objetiva seguir estes atores, por meio de seu indexador vínculo para descrever o modo como tal protesto ganha tamanho volume de adesões. Deste modo, seguiremos as assertivas elencadas por Venturini (2013, p. 4) ao destacar que um estudo como este requer três regras essenciais a aplicação correta da observação/descrição de controvérsias em redes sociais, são estas:

- I – Não restringir sua observação a uma única teoria ou metodologia, daí que atrelamos a metodologia da teoria da comunicação com a antropologia, em um marco interpretativo fundado nos estudos de gênero;
- II - Observar de tantos pontos de vista quanto possível, daí aproximamos leituras da página com interpretações correntes sobre o nascimento dos protestos elencados por veículos globais de notícias;
- III- Ouvir as vozes dos atores mais do que suas próprias presunções, daí a necessidade de vinculação analítica entre os perfis de maior visibilidade motivando o crescimento do protesto e sua transnacionalidade.

Sendo assim, essa seção está organizada em dois momentos: No primeiro caracterizamos a investigação aqui demonstrada por meio da exposição dos principais elementos metodológicos da cartografia da controvérsia conforme caracterização de Tommaso Venturini (2013) e as contribuições da antropologia da internet de Jair Ramos

(2016), relacionando as etapas levantadas pelos autores com as caracterizações necessárias ao objeto analisado.

Tommaso Venturini (2013) expõe os principais elementos para proceder uma cartografia de controvérsias. Em princípio, o autor coloca o método como uma forma de observação que não demanda elementos metodológicos e teóricos rígidos, mas que demanda atenção redobrada ao que os atores cujas relações serão observadas dizem sobre seus próprios atos.

Em suas palavras “A cartografia das controvérsias é o exercício de dispositivos de criação para observar e descrever o debate social, especialmente, mas não exclusivamente, em torno de questões tecnológicas” (2013, p. 1). Para o autor, as controvérsias apresentam cinco características gerais

I - “As controvérsias envolvem todos os tipos de atores” (2013, p. 5), em nosso caso envolvem relações entre humanos e não-humanos, sintetizados entre humanos, usuários da rede social Instagram; a própria rede e a praça do Kremlin como agentes não-humanos.

II- “As controvérsias exibem o social em sua forma mais dinâmica” (2013, p. 6) quando desdobrada indica que qualquer ator pode ser agrupado em rede, e toda rede pode ser desdobrada em atores, no presente caso, a praça do Kremlin pode ser desdobrada em um conjunto de instituições; relações simbólicas atreladas a heteronormatividade ou masculinidade hegemônica russa; bem como o conjunto de actantes vinculados pela hashtag de protesto pode ser lidos como um ator que se insurge contra o que a praça, enquanto actante, representa.

III - “As controvérsias são resistentes à redução”; e a quarta “As controvérsias são debatidas” (2013, p. 7), percebe-se que controvérsias são discussões, nem sempre verbais, em que se está em jogo o constante desacordo entre os actantes. No presente caso, a proibição de protestos por direitos LGBTQ na praça cívica do Kremlin com a ocupação virtual deste espaço por LGBTQ de todo o mundo.

IV - “As controvérsias são conflitos” e V- “As controvérsias decidem e são decididas pela distribuição do poder” (2013, p. 8) por mais triviais que suas formulações sejam. Em nosso caso, o conflito está claramente posto, e a correlação dos chamados fatores materiais de poder é explícita, distribuídas entre os agentes institucionais e simbólicos da assertiva III e os usuários da rede social, mas em um nível mais profundo a invisibilidade ou subalternidade dos gays russos.

Jair de Souza Ramos em Etnografia e Digitalização (2016, p. 1) propõe que a antropologia do digital abarca “o conjunto de possibilidades que emergem dessa

conversão ao digital e da sua retradução”. Para Ramos, a “digitalização realiza o projeto milenar de uma língua geral que permita traduções e convergências entre mundos sociais, agentes e objetos”. Sendo assim a internet é “a prova de que a comunicação, além de produto, é produtora de simbolismo, relações e espaços sociais” (2006, p. 1).

O autor salienta que para interpretar determinada “conexão entre ações e significados coletivamente compartilhados por um conjunto de agentes” é necessário situar “reflexivamente, o próprio etnógrafo, sua observação e interpretação, e o modo como sua cultura de origem estrutura ambas” (2016, p. 3).

Em um segundo momento abordar a análise situacional onde "os agentes lidam estrategicamente com normas e valores, frequentemente contraditórios entre si" (2016, p. 3), complementa salientando que “um perfil é uma categoria prática e um mecanismo que oferece uma moldura às ações dos agentes” (2006, p. 6).

Assim uma investigação neste sentido terá que examinar as especificidades do funcionamento de “agentes, redes, ações e das molduras digitais onde eles têm lugar”, em um primeiro momento, para a partir desta se dirigir à “identificação dos esquemas de percepção e ação dos agentes humanos e não humanos” (2016, p. 7), tais esquemas demandam do investigador certa generalização, produzida por meio da incorporação de formulações teóricas que perpassam contextos distintos, que estão dentro e fora da internet, a exemplo das “discussões sobre identidade étnica, nacionalismo, performance de gênero, dominação masculina, cultura popular, consumo, sexualidade, política, etc.” (2016, p. 8).

Sinteticamente, Ramos propõem o “entrelaçamento” entre o online e o offline influenciando “ações e da construção dos eventos”, ao mesmo tempo em que também existe tal relação influenciando a observação do pesquisador, nesse caso, “a internet, graças à digitalização, torna-se uma janela a partir da qual é possível observar uma parcela das ações que se desenvolvem no offline” (2016, p. 13). Abordaremos este entrelaçamento ao longo da exposição dos resultados, abordada na próxima seção.

RESULTADOS

A descrição aqui contida leva em conta a distinção entre intermediários e mediadores. Busca-se evidenciar a atuação daqueles elementos entendidos como

mediadores, ou seja, os quais provocam a ação de novos intermediários, dotando a rede aqui evidenciada de maior fluxo, ou engajamento.

O ponto de início da movimentação pode ser remontado a publicação da reportagem de Elena Milashina (2017), correspondente do jornal Novaya Gazeta, no dia 01 de abril de 2017, que reúne uma série de relatos de desaparecimentos, torturas e assassinatos de gays na região da Chechênia, no Cáucaso russo.

Segundo a reportagem, tal movimentação aconteceu como uma reação a pedidos de autorização a celebração de paradas para o orgulho LGBTQ na região por ativistas de fora da região. Tais pedidos formariam parte de uma estratégia, pois as presumidas proibições formariam parte de um processo contra a Federação Russa no Tribunal Europeu de Direitos Humanos (Russian LGBT Network s.f.).

Os fatos apontados pela reportagem se referem a fins de março de 2017, quando cerca de 40 pessoas procuraram ajuda em organizações de direitos LGBTQ russas para abandonar a região por medo de perseguição política. Os relatos³ de tais atos tornaram-se de conhecimento mundial a partir de publicações em grandes veículos de comunicação ocidental (WALKER, 2017).

Para o porta-voz do governo local, Alvi Karimov, as acusações eram falácias, pois era impossível, na perspectiva do governo, prender e torturar gays na Chechênia, uma vez que “não existem gays na região” (INTERFAX, 2017).

A partir de tal situação uma rede de apoio mundial se formou, congregando desde indivíduos, grupos ativistas, empresas, e organizações não-governamentais internacionais (LOKSHINA 2017) em torno de uma petição online contra a situação de violência relatada (AVAAZ, sem data).

Em fins de abril, o grupo ativista por direitos LGBTQ chamado SSEXBBOX – Sexualidade Fora da Caixa - lançou uma campanha virtual que apoiava esta rede de protestos e pedidos de investigação contra a violência retratada na Chechênia. O grupo se define conforme seu website,

um projeto de justiça social que procura dar visibilidade às questões de gênero e sexualidade em São Paulo, São Francisco, Berlim e Barcelona, cujo objetivo é fornecer instrumentos para a expansão da consciência, reduzir o isolamento, facilitar a educação, estimular a criação de comunidades e questionar antigos conhecimentos sobre a sexualidade e gênero, focado na temática / população LGBTQIA+. (sem data).

A campanha, lançada via redes sociais Instagram, Facebook e YouTube, no dia 26 de abril de 2017, consistia em

Você pode gravar um vídeo convocando seu público para acessar o Instagram, tirar uma foto beijando quem quiser e geolocalizar a imagem no Kremlin. Ali, ao invés de fotos de turistas, as pessoas irão ver milhares de fotos do nosso protesto ou/e Poste uma foto beijando seu parceiro, sua parceira, seu amiguel... Clique em adicionar localização e digite "Kremlin". Não se esqueça de usar a hashtag #Kiss4LGBTQrights. (sem data).

Inicialmente a campanha atingiu os seguidores da página, a partir da estratégia de divulgação que abarcou todas as redes sociais do grupo e usuários que os seguiam. Ao longo da semana seguinte páginas voltadas ao público LGBTQ brasileiro e de grande exponência na rede aderiram à campanha, a exemplo das páginas Hugo Gloss e Antropositivo no Brasil, nos dias 04 e 06 de maio, respectivamente; e a página oficial da modelo Naomi Campbell, em 05 de maio.

O dia 07 de maio, eleito como o dia do silêncio, pode ser caracterizado como a data que proporcionou a campanha sua primeira expansão em nível nacional, usuários da rede Instagram com grande volume de seguidores, sobretudo de personalidades da mídia brasileira, aderiram ao movimento, tais quais: Ana França, Luísa Brunet, Cauã Reymond, Mariana Ximenes, Leandra Leal, Bruno Gagliasso, Taís Araújo, entre outros.

A partir da visibilidade provocada por estes perfis mediadores, um grande número de usuários passou a compartilhar conteúdo conforme prescrito pelo movimento SSEXBOXX em suas redes, causando o desdobramento da campanha em outros países, páginas específicas ao público gay norte-americano como a Gayhoes_; GayStories e Rainbow_nation_us, se unem a campanha no dia 10 de maio.

Em 11 de maio, um grupo de ativistas LGBTQ foi preso enquanto tentavam entregar as assinaturas recolhidas via plataforma Avaaz ao Gabinete do Procurador-Geral russo em Moscou, tudo fora filmado e compartilhado pela Rádio Liberty (BBC, 2017), rapidamente os vídeos foram reproduzidos em escala global, gerando uma nova onda de protestos no Instagram, deste momento em diante, diversos usuários de países do ocidente europeu passam a compartilhar maciçamente a hashtag, aderindo ao protesto (ANISTIA INTERNACIONAL, 2017).

No dia 17 de maio, dia internacional de combate a homofobia, o protesto teve sua última grande expansão em números de postagens, vindo de diversos perfis espalhados pelo globo, além de contar com a aderência da página lgbt.saga.family, maior página em número de seguidores voltada ao público LGBTQ norte-americano.

Na rede social Instagram, a hashtag alcançou cerca de 9.500 postagens, sendo que 7.000 delas estão distribuídas entre os dias 04 de maio até 17 de maio. Segundo o grupo SSEXBBOX a campanha “com a ajuda de ativistxs e aliadxs, chegou a mais de 50 milhões de pessoas e gerou mais de 5.000 fotos de beijos”.

Em 17 de maio, o coletivo em parceria com grupos brasileiros decide relançar a campanha, desta vez voltada a problemática da homofobia em Salvador, na Bahia. Não logrando o mesmo alcance da campanha anterior, deste modo, as postagens relativas ao segundo momento da campanha foram afastadas por não se relacionarem ao objeto levantado pelo presente trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ciberativismo pode ser caracterizado como sendo a “utilização da Internet por movimentos politicamente motivados” (RIGITANO, 2003, p. 3), objetivam “lutar contra injustiças que ocorrem na própria rede”.

Assim como sua forma offline o ciberativismo pode ser avaliado a partir das consequências que produz em curto prazo; como também pelas novas formas de representação dos espaços, ou realidades, as quais a ação orientada de grupos de actantes se propõem a realizar, ou modificar, na rede, como no contexto físico.

Assim que ao retomar as questões norteadoras do artigo, destaco que as representações de sexualidades não hegemônicas, combinadas a performatividade na reivindicação de direitos, por meio da intermediação virtual, são sim uma estratégia legítima e eficaz para superar as narrativas nacionalistas sexistas que articulam determinados espaços à sexualidade hegemônica e universalizante.

Que a ocupação virtual de um símbolo militar e político de um país secularmente marcado pela influência de um regime sexista e homofóbico fora efetiva como forma de tencionar esta invisibilização. Que a rede de relações celebradas online desestabilizou as definições arcaicas de que “não há violência contra gays por que não há gays aqui” (WALKER, 2017).

A combinar representação e performatividade, elementos conceituais da teoria Queer, com a cartografia da controvérsia expressa pela ocupação virtual da praça do Kremlin foi primordial para tal processo.

Ao desdobrar a controvérsia entre a proibição de protestos por direitos LGBTQ na Rússia com a ocupação virtual da praça do Kremlin promovida pela iniciativa expressa no veículo [kiss4lgbtqrightrights](#) logramos perceber o modo como o engajamento global de actantes pode influenciar na representação de um espaço nacional e na visibilidade de um conjunto de sujeitos cuja sexualidade é destoante dos ideais universalistas de um regime machista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMNISTIA INTERNACIONAL. **Russia: Knee-jerk repression as LGBTI activists arrested over Chechnya petition.** 11 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2017/05/russia-knee-jerk-repression-as-lgbti-activists-arrested-over-chechnya-petition/>>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

AVAAZ. **Fechem os campos de tortura para gays!**. Sem Data. Disponível em: <https://secure.avaaz.org/campaign/po/close_the_gay_torture_camps_loc/?pv=142&rc=fb>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

BBC. **Chechnya gay rights: Activists with petition held in Moscow.** BBC. 11 de maio de 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-39881452>>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

BINGEMER, M., BARTHOLO, R. **Mística e Política.** São Paulo, Brasil: Loyola. 1994.

BONET, P. **Rusia aprueba casi por unanimidad la ley que prohíbe hablar sobre homosexualidad.** *El País.* 11 de junho de 2013. Disponível em: <https://elpais.com/sociedad/2013/06/11/actualidad/1370934612_041697.html>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade.** Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira. 2003.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** São Paulo, Brasil: Graal. 2005.

GAMSON, J. **As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa.** In: DENZIN, N., LINCOLN, Y. (eds.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e Abordagens* (pp. 100-120). Porto Alegre, Brasil: Artmed, 2006.

INTERFAX.RU. **En Grozny, los informes de detenciones homosexuales en Chechenia se han llamado mentiras.** 1 de abril de 2017. Disponível em: <<http://www.interfax.ru/russia/556385>>. Acesso em 18 de junho de 2018.

LOCKSHINA, T. **Anti-LGBT Violence in Chechnya.** *Human Rights Watch.* 4 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.hrw.org/news/2017/04/04/anti-lgbt-violence-chechnya>>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

LOPES LOURO, G. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte, Brasil: Autêntica, 2000.

MARTINEZ, H. **Rússia declara ilegal compartilhar esta imagem de Putin maquiado.** *El País.* 9 de abril de 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/internacional/1491565697_732808.html>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** In: *Sociologias*, 21(3), p. 65-87. 2009.

MISKOLCI, R. **O desejo da nação: Masculinidade e Branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo, Brasil: Annablume. 2012.

OLIVEIRA, P. **A construção social da masculinidade**. Rio de Janeiro, Brasil: IUPERJ, 2004.

RAMOS, J. **Etnografia e Digitalização**. Guigou, N. (Presidencia). *XI Reunión de Antropología del Mercosur*. Montevideú, Uruguay. 2016.

RIGITIANO, M. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente**. En FACOM-UFBA (Presidência). *I Seminário Interno do Grupo de Pesquisa em Cibercidades*. Salvador, Brasil. outubro de 2013.

RODRIGUEZ, F. **Rusia vive atrapada en su homofobia**. *El País*. 13 de agosto de 2013. Disponível em: <https://elpais.com/sociedad/2013/08/13/actualidad/1376421193_552995>.html. Acesso em 18 de junho de 2018.

RUSSIAN LGBT NETWORK. **Russian lgbt network reveals the details of persecution of homosexual people in the chechen republic**. Sem data. Disponível em: <<https://lgbtnet.org/en/content/russian-lgbt-network-reveals-details-persecution-homosexual-people-chechen-republic>>. Acesso em 18 junho de 2018.

VENTURINI, T. **Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory**. *Public Understanding of Science*, 19(3), p. 258–273. Maio de 2013.

WALKER, S. **Chechens tell of prison beatings and electric shocks in anti-gay purge: ‘They called us animals’**. *The Guardian*. 13 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/apr/13/they-called-us-animals-chechens-prison-beatings-electric-shocks-anti-gay-purge>>. Acesso em 18 de junho de 2018.

WEEKS, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. Belo Horizonte, Brasil: IUFMG. 1996.